

PREFÁCIO POR RADUÁN MELO

ORGANIZADO POR
FRANCES K. HAZLITT & HENRY HAZLITT

A SABEDORIA
dos
ESTOICOS

ESCRITOS SELECIONADOS DE
SÊNECA, EPITETO E MARCO AURÉLIO

- SEGUNDA EDIÇÃO REVISADA -




LVM

Título original: *The Wisdom of the Stoic: Selections from Seneca, Epictetus and Marcus Aurelius*
Copyright © 1984: Frances K. Hazlitt & Henry Hazlitt © 2010 by Ludwig von Mises Institute

Os direitos desta edição pertencem à LVM Editora, sediada na
Rua Leopoldo Couto de Magalhães Júnior, 1098, Cj. 46
04.542-001 • São Paulo, SP, Brasil

Telefax: 55 (11) 3704-3782

contato@lvmeditora.com.br

Gerente Editorial | Giovanna Zago

Editor-Chefe | Pedro H. Alves

Tradutor(a) | Paulo Polzonoff Jr.

Revisão de tradução | Roberta Sartori

Revisão | Laryssa Fazolo

Projeto gráfico | Mariangela Ghizellini

Diagramação | Rogério Salgado / Spres

Impressão | Edigráfica

Impresso no Brasil, 2022

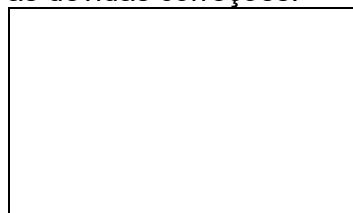
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida a reprodução integral desta edição por qualquer meio ou forma, seja eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio sem a permissão expressa do editor. A reprodução parcial é permitida, desde que citada a fonte.

Esta editora se empenhou em contatar os responsáveis pelos direitos autorais de todas as imagens e de outros materiais utilizados neste livro. Se porventura for constatada a omissão involuntária na identificação de algum deles, dispomo-nos a efetuar, futuramente, as devidas correções.



S119

A sabedoria dos estoicos :
escritos selecionados de
Sêneca, Epiteto e Marco
Aurélio / organização e
introdução de Henry Hazlitt,
Frances K. Hazlitt ; prefácio
por Raduan Melo ; tradução
de Paulo Polzonoff. — 2. ed.
- São Paulo : LVM Editora,
2022.

200 p. : il.

ISBN 978-65-86029-62-8

Título original: *The Wisdom
of the Stoic : Selections from
Seneca. Epictetus and
Marcus Aurelius*

1. Filosofia 2. Filosofia
antiga 3. Estoicos 4. Roma
5. Educação clássica 6.
Inteligência 7. Felicidade I.
Hazlitt, Henry, 1894-1993 II.

Hazlitt, Frances Kanes III.
Seneca IV. Epicteto V. Marco
Aurélio, Imperador de Roma,
121-180 VI. Melo, Raduan
VII. Polzonoff, Paulo
22-1027 CDD-180

Índice para catálogo

sistemático:

1. Filosofia antiga 180

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR

Pedro H. Alves.....9

PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO

Raduán Melo.....11

INTRODUÇÃO DOS ORGANIZADORES

Frances K. Hazlitt & Henry Hazlitt.....17

✻ **SÊNECA** ✻

Da Vida Feliz | 27

- I — A felicidade baseada na sabedoria.....30
- II — A felicidade baseada na virtude.....33
 - III — Filosofia, o guia da vida.....41
 - IV — A força dos preceitos.....46
- V — Não existe felicidade maior do que a paz de consciência.....50
- VI — Um homem bom jamais pode ser infeliz.....52
- VII — Providência, a cura dos infortúnios.....54
- VIII — Da inconstância da mente.....56
- IX — A um sábio à prova de calamidades.....59
- X — Da sinceridade nos modos.....60
- XI — A felicidade não pode nunca depender do acaso.....61
- XII — O que se abate sobre um pode se abater sobre todos.....62

- XIII — Uma vida sensual é uma vida infeliz.....63
XIV — Da avareza e ambição.....64
XV — As bênçãos da temperança e da moderação.....65
XVI — As bênçãos da amizade.....66
XVII — Consolações contra a morte.....66
XVIII — Dos benefícios.....67
XIX — De intenções e efeitos.....68
XX — Do juízo da concessão de benefícios.....69
XXI — Da questão das obrigações.....71
XXII — O modo de ser solícito.....72
XXIII — Da retribuição.....73
XXIV — De como deve agir o receptor.....73
XXV — Da ingratidão.....75
XXVI — Da raiva.....76
XXVII — Reprimindo a raiva.....76
XXVIII — Raiva: uma loucura passageira.....77
XXIX — O efeito da raiva.....78

Epístolas | 81

- I — Da escrita e da oratória.....81
II — O conhecimento da virtude.....84

✻ EPITETO ✻

Diatribes, ou Os Diálogos de Epiteto | 000

- Livro I.....91
Livro II.....100
Livro III.....109
Livro IV.....111

Fragmentos de Epiteto | 119

Enchiridion, ou O Manual de Epiteto | 127

✧ **MARCO AURÉLIO** ✧

Meditações.....155

Livro I.....155

Livro II.....157

Livro III.....161

Livro IV.....166

Livro V.....175

Livro VI.....180

Livro VII.....189

Livro VIII.....198

Livro IX.....203

Livro X.....207

Livro XI.....210

Livro XII.....217

Estimados leitores, *A Sabedoria dos Estoicos* é um dos maiores sucessos do Clube Ludovico desde o seu lançamento, e agora temos a imensa honra de relançá-lo ao grande público em versão brochura. O estoicismo é uma das mais antigas e bem-sucedidas escolas filosóficas da história humana, suas ideias, críticas e influências estendem-se do imperador Marco Aurélio ao escravo Epiteto, do filosófico cristianismo clerical de Santo Agostinho às intransigentes práticas de oração de Inácio de Loyola, da psicologia de Carl Jung aos abertos e fervilhantes espaços *business* de nosso mundo contemporâneo. É uma escola de pensamento que jamais esfria, uma matriz teórica que jamais sai de moda.

Atualmente não é necessário nenhum esforço para encontrarmos livros sobre o estoicismo, ou de pensadores inspirados pelos estoicos. Por tal motivo decidimos, em 2020, que lançaríamos um livro sobre estoicismo, mas o faríamos em busca da excelência literária do assunto. Com certeza, Frances K. Hazlitt e Henry Hazlitt nos inspiraram essa confiança, e suas capacidades editoriais para compendiar o sulco do pensamento estoico, a partir dos escritos originais dos pensadores, sempre nos pareceram certas e indiscutíveis.

Tendo tudo isso em mente, a LVM relança agora a segunda edição revista da obra. Tendo por base o já ótimo trabalho de tradução de Paulo Polzonoff Jr., a tradutora, revisora e doutora em linguística, Roberta Sartori, revisitou cuidadosamente a obra, adequando termos e trazendo a tradução para o mais próximo possível do concebido pelos autores originais. Um trabalho minucioso que voltou às fontes textuais e recosturou em emendas fortes a linguagem estoica.

Se a primeira edição já trazia uma riqueza ímpar e um trabalho editorial cuidadoso, aumentamos agora a aposta na obra e aperfeiçoamos ainda mais o cuidado textual. Se o estoicismo se

propõe a ser uma filosofia prática e um modo de existir maduro, uma reedição com esmero e dedicação não é nada além do que necessário.

Boa leitura.

Pedro H. Alves,
Editor.

☞ PREFÁCIO À 2ª EDIÇÃO ☞

Raduán Melo



“O que deve ser feito?”. Não depois nem antes, mas agora. Essa é a questão fundamental do Estoicismo. Amparado pela natureza humana (leia-se razão) e pela Virtude, de forma simples, clara e direta, a filosofia do pórtico cria um verdadeiro manual sobre como o homem deve viver para ser verdadeiramente feliz.

O Estoicismo tem sua origem na Grécia com Zenão de Cítio, em 300 a.C., quando seu barco, carregado de valiosas mercadorias, naufraga. Após ter perdido praticamente tudo que tinha de bens materiais, Zenão entra em uma livraria e depara-se com a filosofia socrática. Quando pergunta ao livreiro onde poderia ter maior contato com essa filosofia, o livreiro o direciona: “Siga esse homem”, apontando para Crates de Tebas, um dos maiores filósofos da época. Assim, a partir de um grande infortúnio, começa o Estoicismo — e não poderia ser diferente.

Nos últimos anos, o Estoicismo ressurgiu no Ocidente com crescente popularidade, principalmente nos EUA e Europa — como um todo. E isso não foi por acaso; após a contemporaneidade trazer uma incontestável riqueza material, parece-me claro que grande parte das pessoas começou a buscar respostas que o mundo material não poderia lhes dar. Talvez parte desse assombro que aqui salientamos jaz na procura que está não exatamente em uma religião — ainda que uma coisa não anule a outra —, mas sim em uma filosofia. Soma-se a isso as sempre presentes angústias humanas, que parecem aumentadas nos tempos modernos de secularismo. Esse cenário mostrou-se fértil para o ressurgimento dessa Filosofia que, longe de buscar atenuar os desafios e

sofrimentos da vida, traz a necessidade da Coragem, da Sabedoria, da Temperança e da Justiça em todas as ações humanas.

A ação virtuosa, independente da condição em que alguém se encontra, é uma marca forte do estoico. Por isso temos relatos como o de James Stockdale — militar americano de maior condecoração, que foi preso e feito de refém no Vietnã por sete anos e seis meses —, que enalteceu a importância dos pensamentos de Epiteto para a manutenção da sua racionalidade em meio às sessões de torturas que sofria. Ou como o grande herói americano, George Washington, que utilizava uma peça estoica para levantar a moral de seu exército nos campos de batalha. A influência não se limita aos campos militares, mas também aos esportivos; o — muito provavelmente — maior técnico de todos os tempos da NFL, multicampeão pelo New England Patriots, Bill Belichick, usa declaradamente práticas estoicas para gerenciar e conduzir seus times. No mercado pop, o escritor *best-seller*, palestrante e empresário, Timothy Ferriss é um seguidor ávido da filosofia do pórtico, considerando-a o antídoto ante seus recorrentes pensamentos suicidas.

O Estoicismo é isso, uma filosofia que nos prepara para agir de forma incessante e ética em tudo aquilo que você pode (e deve) mudar, ao mesmo tempo que nos ensina a ser resignado e extremamente forte para aceitar todas as situações que não podemos modificar. Costumo dizer que o Estoicismo é uma filosofia para todo mundo (seja para um Imperador Romano, como Marco Aurélio, ou para um escravo, como Epiteto), mas não para qualquer um — ela não vai afagar seu ego ou motivá-lo de forma infantil para fazer você se sentir melhor. O Estoicismo não é para homens fracos. Em tempos modernos, quando homens fogem das suas responsabilidades adultas, e a geração do prazer máximo e momentâneo torna-se o objetivo da vida, o estoicismo torna-se ainda mais necessário.

Nessa magnífica obra, com textos selecionados pelos geniais Frances e Henry Hazlitt — um dos maiores nomes da Escola Austríaca de Economia nos Estados Unidos —, revela-se o que há de melhor dos maiores nomes do Estoicismo — Sêneca, Epiteto e Marco Aurélio. Longe de ser uma viagem a uma escola filosófica do

passado, é um encontro com um dos pilares mais importantes da Civilização Ocidental, que até hoje nos é muito útil — o Estoicismo.

✧ INTRODUÇÃO DOS ORGANIZADORES ✧
Frances K. Hazlitt & Henry Hazlitt



A filosofia estoica foi fundada por Zenão de Cítio (333–262 a.C.), um fenício de Chipre, mas nada do que ele escreveu nos foi legado, exceto por alguns fragmentos. A ele se seguiram Cleantes de Assos (330–230 a.C.), depois, Crisipo de Solos (280–208 a.C.) e, mais tarde ainda, Panécio de Rodes (185–109 a.C.) e Posidônio de Apameia (135–51 a.C.). Mas, embora se acredite, por exemplo, que Crisipo tenha escrito 705 livros, praticamente nada desses filósofos sobreviveu, exceto em relatos de terceiros. Somente três dos antigos estoicos, Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.-65 AD), Epiteto (50–138) e Marco Aurélio (121–180) sobreviveram em livros completos.

Nenhum dos três jamais teve uma audiência expressiva. A história da reputação deles é curiosa. No século XVII, Sêneca definitivamente era o mais conhecido. Depois, no fim do século XIX e começo do século XX, ele foi praticamente esquecido, e a popularidade alternou-se entre Epiteto e Marco Aurélio. Sob influência do poeta e crítico literário britânico Matthew Arnold (1822-1888), Marco Aurélio se tornou uma espécie de “autor obrigatório” para os ingleses de meados da Era Vitoriana. Como exemplo do que era escrito nos primeiros anos do século XX, cito um dos livros de autoajuda escrito pelo romancista britânico Arnold Bennett (1867-1931):

Acho que há milhares de autores que escrevem com mais ou menos sinceridade sobre o controle da máquina humana. Mas dois dos que, para mim, se destacam facilmente são Marco Aurélio Antonino e Epiteto [...]. Aurélio é certamente considerado o maior escritor da escola da máquina humana, e não lê-lo diariamente é considerado por muitos um mau hábito. Como uma confissão, sua obra não tem igual. Mas, como um guia prático da existência, eu daria antes prioridade aos discursos de Epiteto do que aos escritos de Marco Aurélio [...]. Para os leitores de 1908, ele transborda realidade. Ainda assim [Aurélio], claro, é para ser lido e relido sem parar. Quando você terminar a obra de Epiteto — uma única página ou parágrafo por

dia, tudo devidamente mastigado e digerido, basta —, você pode passar para M. Aurélio e depois voltar a Epiteto, e assim por diante, todas as manhãs ou noites, até o fim da sua vida¹.

Duas coisas são dignas de nota nessa passagem. Primeiro, ela apresenta os dois escritores simplesmente como guias para a vida; em nenhum momento ela menciona a filosofia estoica deles ou suas implicações. Depois, ela não menciona, em nenhum momento, Sêneca. Nisso, a passagem é característica não apenas pelas referências frequentes de Arnold Bennett aos dois estoicos posteriores, como também pelas referências de seus contemporâneos e de outros autores até os dias de hoje. Mas Sêneca foi o primeiro dos grandes filósofos estoicos cujos textos sobreviveram. Ele viveu meio século antes de Epiteto e mais de um século antes de Marco Aurélio. Sua produção foi bem maior do que a de seus sucessores, e ele os superava unicamente em talento literário. Seus textos filosóficos são uma sucessão de aforismos memoráveis. Quase não há nenhuma daquelas passagens obscuras que se encontram com frequência em Epiteto e Marco Aurélio. O tempo todo que ele passou negligenciado parece não ter explicação.

O objetivo deste volume é disponibilizar antologias generosas dos três grandes filósofos estoicos. Até onde nós, editores, sabemos, isso não foi feito em nenhum outro lugar². Há apenas um ou dois livros que nem mesmo trazem trechos razoavelmente adequados de Epiteto e Marco Aurélio juntos; em geral, os leitores até agora tinham de encontrá-los em livros separados. E antologias adequadas dos textos de Sêneca sobre estoicismo não parecem existir em nenhum livro atualmente em catálogo.

Além disso, estamos convencidos de que a maioria dos leitores de hoje preferirá muito mais ler antologias de cada um dos grandes estoicos em vez de se depararem com a obra completa deles. Por causa da forma como as obras deles foram compostas ou relatadas, elas são cheias de repetições. A obra *Tὰ εἰς ἑαυτόν* [*Meditações*], de Marco Aurélio, por exemplo, era aparentemente um diário elaborado apenas para ele mesmo, no qual o imperador escrevia todas as

noites ou manhãs alguma reflexão, decisão ou conselho para si mesmo, sem consultar se ele já tinha escrito praticamente a mesma coisa uma semana ou um mês antes. Mais uma vez, nada do que nos chegou de Epiteto foi escrito diretamente por ele; sua obra é o registro de seus discursos, feito por seu discípulo Lúcio Flávio Arriano Xenofonte (86/89-160). Portanto, quando Epiteto fazia arengas muito parecidas para públicos diferentes em ocasiões diferentes, temos o registro de cada uma delas. Sêneca, por fim, repetia-se incansavelmente, e tinha consciência disso. Ele se justificava dizendo que *“ele apenas inculca continuamente os mesmos conselhos àqueles que repetidamente cometem os mesmos erros”*.

Portanto, uma antologia pareceu aos editores desta obra tanto necessária quanto desejável, não apenas para reduzir enormemente as repetições ou minimizar obscuridades, mas para concentrar-se no que há de mais representativo e memorável.

É claro que não há como selecionar objetivamente “os melhores”. A antologia dependerá sobretudo da análise e do gosto dos editores; e com tanta abundância para se escolher, muitas decisões quanto ao que incluir ou não tiveram que ser arbitrárias. Só podemos dizer que fomos os mais “objetivos” e criteriosos possível.

Escolhemos aproximadamente o mesmo número de escritos de Epiteto e Marco Aurélio, e ligeiramente mais textos de Sêneca, para compensar a inacessibilidade comparativa de sua obra e também por causa da desmerecida negligência da qual ele foi vítima.

Os três grandes estoicos têm origens incrivelmente diferentes. Sêneca era um espanhol que foi levado a Roma ainda criança. Estudou retórica e filosofia e, em pouco tempo, adquiriu uma boa reputação na Corte. Foi banido no ano 41 da Era Cristã pelo imperador Cláudio (10 a.C.-54 AD), mas foi convocado oito anos mais tarde pela imperatriz Agripina (15–59), que o queria como tutor do seu filho Lúcio Domício Enobarbo (37–68), o futuro imperador Nero, então com 11 anos. Quando Nero subiu ao trono, aos 17 anos, o poder de Sêneca aumentou ainda mais. Embora estoico, supostamente alguém que despreza as riquezas, amealhou uma enorme fortuna. Isso foi provavelmente um erro. Sua presença começou a incomodar Nero, e sua enorme riqueza estimulou sua

avareza. Por fim, no ano 65, Nero acusou Sêneca de cumplicidade numa conspiração contra ele e o sentenciou à morte por suicídio.

O historiador Públio Cornélio Tácito (56–120) assim descreve a cena:

Sem se abalar, ele requisitou tábuas para escrever seu testamento. Diante da negativa do centurião, ele se voltou para seus amigos e disse que, como estava impedido de lhes deixar uma gratificação por seus serviços, ele lhes deixaria a única coisa, que é de fato a melhor coisa, de que dispunha: o modelo de sua vida [...]. Ao mesmo tempo, ele lembrou os amigos em prantos do seu dever de serem fortes [...] perguntando a eles o que acontecera com os preceitos da sabedoria, da filosofia, que eles por tantos anos estudaram diante de males iminentes [...]. Ele, então, abraçou sua esposa — e cortou os pulsos.

Sêneca foi um autor muito prolífico e escreveu, no total, o equivalente a mais de vinte volumes, incluindo, além de seus ensaios sobre ética e outras obras de filosofia, nove tragédias, muitas sátiras e epigramas, bem como livros sobre ciências naturais, astronomia e meteorologia.

Pouco se sabe sobre Epiteto. Sequer existe consenso quanto aos anos de seu nascimento e morte. Seu nascimento foi estabelecido por vários escritores como tendo sido entre os anos 50 e 60, e sua morte entre os anos 100 e 135. Ele provavelmente nasceu na cidade Hierápolis, na Frígia³. Quando menino, foi escravo em Roma, na casa de Epafrodito (20-95), um protegido de Nero. Ao receber sua liberdade, tornou-se professor de filosofia, que aprendera nas aulas do estoico Musônio Rufo (25-95).

Epiteto lecionou em Roma, mas foi expulso, juntamente com outros filósofos, pelo imperador Domiciano (24-96), em 90. Depois foi para Nicópolis, no Epiro, onde parece ter passado o restante de sua vida.

O filósofo era coxo, fraco e cronicamente pobre. Reza a lenda que um dia seu dono começou a torcer sua perna. Epiteto, sorrindo, disse-lhe: “*Se o senhor continuar, quebrará minha perna*”. Foi o que aconteceu. E Epiteto continuou falando, tão calmamente quanto antes: “*Eu não lhe disse que o senhor quebraria minha perna?*”. Se

isso aconteceu ou não, não sabemos, mas é algo que está de acordo com o que sabemos do caráter do filósofo.

Epiteto não escreveu nada. Seus ensinamentos foram transmitidos por um pupilo, Arriano, que registrou suas diatribes na obra *Ἐπικτήτου διατριβαί* [*Discursos de Epiteto*] e os reuniu num enquirídio conhecido como *Ἐγχειρίδιον Ἐπικτήτου* [*O Manual de Epiteto*].

Marco Aurélio estava no outro extremo da escala social. Era o filho adotivo do imperador Antonino Pio (86-161). Foi educado em casa, mas abandonou o estudo da literatura, trocando-o pelo da filosofia e do direito com os estoicos Júnio Aruleno Rústico (100-170) e Lúcio Volúcio Meciano (110-166). Tornou-se imperador no ano 161, mas seu reinado foi, desde o princípio, tragicamente desafortunado, e ele foi obrigado a passar a maior parte de seu tempo travando guerras de fronteiras, abafando insurreições e combatendo os efeitos das pestes e da desmoralização. Ainda assim, ele encontrou tempo para escrever suas famosas *Meditações*.

Há muito debate entre os críticos sobre qual dos três grandes estoicos era o melhor escritor; mas a maioria dos leitores atuais ficará feliz em desfrutar de sua variedade. Sêneca tem o vocabulário mais profuso, é o mais rico em termos de aforismos, escreve a prosa mais bem-acabada e atrai por seu sólido e vigoroso bom senso. Epiteto (conforme transcrito por Arriano) é o mais perspicaz e cômico, mas também o mais radicalmente inflexível, e, ainda que ele sempre capture a atenção do seu leitor, ele também parece desalentá-lo por sua aparente frieza. A Marco faltam alguns dos talentos de seus antecessores, mas ele escreve com uma nobreza e sinceridade sem igual em toda a literatura.

Apesar de o estoicismo expor uma cosmologia complexa, ele era, em essência, um guia de conduta para a vida. Os homens devem viver segundo a natureza. Com isso, os estoicos não queriam dizer, de forma alguma, que os homens deveriam satisfazer os apetites de seus corpos, mas que eles deveriam ser governados pela Razão. O maior bem era a vida virtuosa. Somente a virtude é felicidade. A virtude é sua própria suficiente recompensa, e o vício é o seu próprio castigo. O bem deve ser encontrado por todos os

homens dentro de si mesmos. Todas as coisas externas que são geralmente consideradas boas ou más, como riqueza e pobreza, prazer e dor, saúde e doença, são questões indiferentes para o verdadeiro estoico. Ele pode ser tão feliz deitado numa bancada quanto numa cama de rosas.

Os estoicos distinguiam nitidamente as coisas que estão sob o nosso controle e as que não estão. O desejo e o desagrado, a opinião e a afeição são coisas que estão sob o controle da força de vontade; a saúde, a riqueza, o *status* social, a reputação e coisas semelhantes, em geral, não estão.

Os estoicos insistiam intensamente na unidade do universo e no dever do homem como parte de um grande todo. Eles foram os primeiros a pregar o “cosmopolitismo”. *“Não há diferença entre gregos e bárbaros; o mundo é nossa cidade”*. Aparentemente, eles também foram os primeiros a afirmar a beneficência positiva como uma virtude. *“O amor ao próximo”*, por exemplo, foi prescrito por Marco Aurélio. Os estoicos influenciaram profundamente a moralidade posterior do cristianismo.

Os três grandes estoicos representados aqui pregavam essencialmente as mesmas doutrinas, embora matizadas por suas experiências e temperamentos individuais.

Em comparação com os dois outros, o rico Sêneca pregava apenas um estoicismo modificado, com uma mescla muito maior de sabedoria mundana. Ainda assim, foi ele quem alertou seus leitores: *“Se o que você tem lhe parece insuficiente, então, mesmo que você possua o mundo, ainda assim será infeliz”*. E ele também nos diz que *“a soma do dever humano”* é *“paciência, onde caso soframos, e prudência nas coisas que realizamos”*.

Quando se trata de Epiteto, ele não cede ao lado mundano da vida. *“Que o exílio e a morte estejam cotidianamente diante de seus olhos”*. *“É melhor morrer de fome, livre do luto e do medo, do que viver na afluência, mas perturbado”*.

Marco Aurélio não é tão insensível quanto Epiteto às vezes parece ser, embora o consolo que ele oferece deva ser conquistado a um alto custo. *“Que não faça diferença para ti se sentes frio ou calor, contanto que estejas cumprindo teu dever”*. Ele até diz a si

mesmo em certo momento: “*Então, não considere a vida algo que tenha qualquer valor*”.

Essas citações, sejamos justos, passam uma impressão muito sombria do conjunto de textos dos estoicos, cujos conselhos sobre a conduta da vida não são muito diferentes dos conselhos dados hoje por muitos filósofos não estoicos. Mas as citações realmente apontam para uma aparente contradição no sistema estoico. Se devemos tomar literalmente as suas controvérsias de que a felicidade como normalmente se entende não é necessária, e que a dor não é um mal, qual o sentido da moralidade ou de qualquer esforço humano?

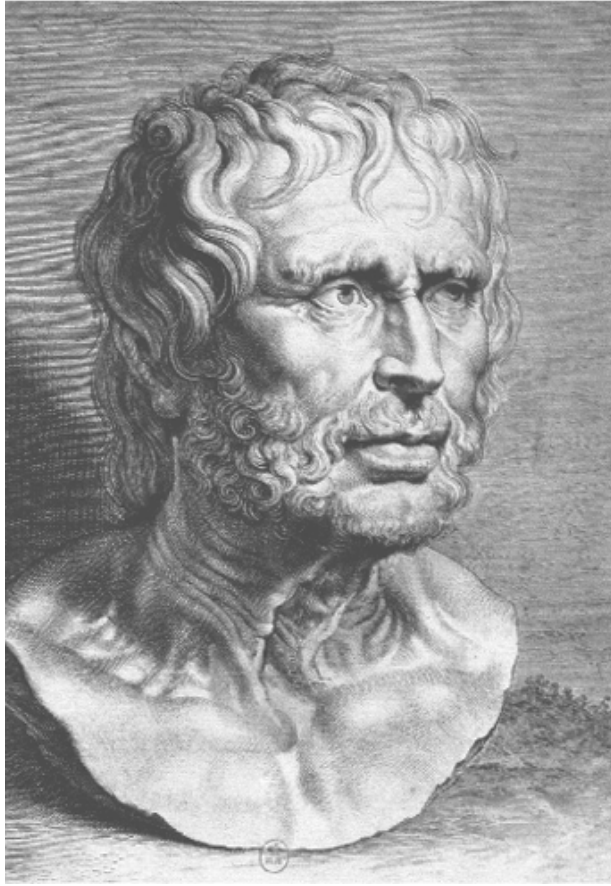
Para muitos leitores contemporâneos, talvez seja, de fato, difícil entender o que na doutrina estoica atraía os seus seguidores. Aos epicuristas foi dito que eles podiam buscar prazer ou ao menos tranquilidade nesta vida. Os racionalistas podiam reconhecer que, caso eles se abstivessem excessos em seus apetites físicos, eles poderiam provavelmente desfrutar de uma saúde melhor e vida mais longa, que a cooperação pacífica com os outros geraria muitos benefícios mútuos. Aos cristãos pelo menos foram prometidas recompensas futuras pela bondade ou castigos futuros pelos pecados. Mas ao estoico só foi dito que a recompensa pela virtude era ser virtuoso.

Ainda assim, o estoicismo de fato atraiu os mais nobres entre os antigos e os tem mantido atraídos por mais de dois mil anos. É uma das filosofias de vida permanentes. Na verdade, ainda é um elemento indispensável em qualquer filosofia racional. Porque todos os homens um dia terão de enfrentar a morte, e, antes disso, a perda de um ente querido; e quase todos, por mais prudentes ou sábios que sejam na condução de suas vidas, em algum momento sofrerão decepções, dificuldades, acidentes ou derrotas, ingratidão, rejeição, afrontas, humilhação, dor e até períodos de agonia. Sempre haverá ocasiões nas quais os homens precisam de paciência, resistência e fortaleza. Essas são as grandes virtudes que a filosofia estoica instila. E, quando os homens mais precisarem dessas virtudes, eles recorrerão à sabedoria calma de Sêneca, às severas admoestações de Epiteto ou à nobre serenidade das *Meditações* de Marco Aurélio a fim de renovar a coragem e a força.



Cabe aqui uma nota sobre as fontes dos excertos: A antologia de Sêneca foi extraída da tradução do século XVII feita por *sir* Roger L'Estrange (1616-1704), publicada na coleção da Burt's Home Library, no começo do século XX. É difícil acreditar que essa tradução não tenha sido modernizada por alguém em algum momento do caminho, pois ela é incrivelmente fluida e simples. Para Epiteto, escolhemos a tradução de 1758 de Elizabeth Carter (1717-1806) por ainda considerá-la a mais satisfatória. Além de vários excertos menores, escolhemos o texto integral de *O Manual de Epiteto*, pois ele parece ter sido concebido como um resumo de sua filosofia. Para Marco Aurélio, usamos, para a maior parte, a tradução de 1862, feita por George Long (1800-1879) — embora para algumas passagens tenhamos recorrido ao velho texto de 1634 traduzido por Meric Casaubon (1599-1671), quando julgamos que ele era mais claro ou vívido.

Nas antologias tanto de Epiteto quanto de Marco Aurélio, mantivemos a mesma numeração das edições completas, mas para os pensamentos avulsos, a seleção da numeração é nossa, e foi adotada meramente por conveniência quanto à referência.



SÊNECA

DA VIDA FELIZ



Não há nada neste mundo, talvez, que seja mais falado e menos compreendido do que o tema de uma vida feliz. Ela é o desejo e o projeto de todos os homens; no entanto não há um em mil que saiba no que essa felicidade consiste. Vivemos, contudo, numa busca cega e ávida por ela; e quanto mais nos precipitamos no caminho errado, mais distantes estamos do fim da nossa jornada.

Vamos primeiro, portanto, pensar em que ponto deveríamos estar, e, depois, na forma mais rápida de o alcançarmos. Se estivermos com a razão, descobriremos a cada dia todos os dias o quanto melhoramos; mas, se seguirmos os clamores ou os passos de pessoas que se desviaram do caminho, devemos esperar ser desencaminhados e continuar nossos dias andando a esmo e no erro. Portanto, é de suma importância que levemos conosco um guia hábil; porque não é nesta, como em outras viagens, que a estrada nos leva ao nosso lugar de repouso; ou, se acontecer de um homem se desviar, os outros talvez o recolquem no caminho certo; ao contrário, o caminho mais trilhado aqui é o mais perigoso, e as pessoas, em vez de nos ajudarem, enganam-nos. Então, não vamos seguir, como animais, mas guiar-nos pela razão, e não pelo exemplo.

Acontece com a nossa vida o mesmo que acontece com um exército em retirada: um tropeça e o outro cai sobre ele, e assim por diante, um sobre o outro, até que todo o campo de batalha se

transforma num amontoado de homens caídos. E o problema é que o número da multidão a conduz contra a verdade e a justiça. Por isso, temos de sair da multidão se quisermos ser felizes: pois a questão da felicidade não é algo a ser decidido pelo voto: não, longe disso, a pluralidade de vozes ainda é um argumento dos equivocados; o homem comum considera mais fácil acreditar do que analisar e contenta-se com o que é habitual, nunca avaliando se isso é bom ou não.

Por homem comum falo tanto do nobre quanto do pé-rapado: porque eu não os diferencio pelo olhar, mas pela mente, que é a melhor juíza do homem. A felicidade mundana, sei, atordoia; mas, se alguma vez o homem voltar a si, ele confessará que o que quer que tenha feito, ele deseja que seja desfeito; e que as coisas que ele temia eram melhores do que as coisas pelas quais ele rezava.

A verdadeira felicidade na vida é estar livre das perturbações; é entender nossos deveres com relação a Deus e aos homens; aproveitar o presente sem depender ansiosamente do futuro. Não nos divertirmos com esperanças ou medos, mas ficarmos satisfeitos com o que temos, que é abundantemente suficiente; porque o homem feliz não quer nada. As maiores bênçãos da humanidade estão dentro de nós e ao nosso alcance; mas fechamos os olhos e, como seres no escuro, somos presas de tudo o que buscamos sem jamais encontrar.

A tranquilidade é uma certa uniformidade da mente que nenhuma situação de sorte pode exaltar ou deprimir. Nada pode diminuí-la, porque ela é o estado da perfeição humana: ela nos eleva ao mais alto que podemos alcançar; e torna todos os homens autossuficientes. Por outro lado, aquele que é alçado por qualquer outra coisa pode cair. Aquele que julga corretamente e persevera nisso goza de uma calma perpétua: ele tem uma perspectiva verdadeira com relação às coisas; ele observa uma ordem, uma medida, um decoro em todas as suas ações; ele tem uma benevolência em sua natureza; ele ajusta sua vida de acordo com a razão; e atrai para si amor e admiração: mas quem sempre aceita ou recusa as mesmas coisas está sem dúvida no caminho certo.

Liberdade e serenidade de espírito necessariamente devem resultar do domínio daquelas coisas que nos atraem ou assustam

quando, em vez dos prazeres chamativos (que, mesmo na melhor das hipóteses, são vãos e prejudiciais), percebemo-nos tomados pela duradoura felicidade.

Deve ser uma mente sã o que faz o homem feliz; deve haver uma estabilidade em todas as situações, um cuidado com as coisas do mundo, mas sem preocupação; e indiferentes aos caprichos da sorte, com ou sem ela, poderemos viver contentes. Não deve haver lamentos ou brigas ou preguiça ou medo, porque isso só gera discórdia na vida do homem. Quem tem medo é servil.

A felicidade de um sábio permanece firme, sem interrupção. Em todos os lugares, em todas as épocas e em todas as condições, seus pensamentos são animados e tranquilos. Assim como a felicidade não lhe veio de fora, ela nunca o deixará; mas ela nasce dentro dele e é inseparável dele. É uma vida solícita e simples que é estimulada pela esperança de qualquer coisa, embora nunca seja tão aberta e fácil, mais que isso, embora um homem nunca deva sofrer qualquer tipo de decepção. Não digo isso como um impedimento ao gozo dos prazeres lícitos ou das lisonjas das expectativas sensatas; mas, pelo contrário, por mim, os homens estariam sempre de bom humor, desde que isso viesse de suas almas e fosse estimado em seu peito. Outros deleites são triviais; eles podem acalmar e desamarrar o rosto, mas não enchem nem afetam o coração.

A felicidade real é um movimento sóbrio e, e só os miseráveis é que confundem a gargalhada com o regozijo. A sede da felicidade está dentro, e não há alegria como a resolução da mente corajosa que conta com a sorte sob seus pés. Aquele que pode olhar a morte nos olhos e dar-lhe as boas-vindas; abre sua porta para a pobreza e refreia seus apetites, este é o homem a quem a Providência concedeu a posse de deleites invioláveis.

Os prazeres dos vulgares são fúteis, rasos, superficiais; mas os outros são sólidos e eternos. Como o corpo em si é mais uma coisa necessária do que excelente, seus confortos são temporários e vãos; além disso, sem moderação extraordinária, o fim deles é apenas a dor e o arrependimento; ao passo que uma consciência pacífica, pensamentos honestos, ações virtuosas e uma indiferença pelos eventos casuais são bênçãos sem fim, saciedade ou medida.

Esse estado consumado de felicidade é apenas uma submissão ao ditado da correta natureza. A base dele é a sabedoria e a virtude; o conhecimento de o que devemos fazer e a conformidade da vontade a esse conhecimento.

I.

A FELICIDADE BASEADA NA SABEDORIA

Dado que a felicidade humana se baseia na sabedoria e na virtude, trataremos essas duas questões à medida que elas surgem: e, primeiro, a sabedoria; não na latitude de suas várias operações, mas somente no que diz respeito a uma boa vida e à felicidade da humanidade.

A sabedoria é uma compreensão correta, uma capacidade de discernir o bem do mal; o que há de ser escolhido e o que há de ser rejeitado; um julgamento baseado no valor das coisas, não na opinião comum sobre elas; uma igualdade de força e uma força de resolução. Ela observa nossas palavras e feitos, ela nos leva à contemplação das obras da natureza e nos torna invencíveis por boa ou má sorte. Ela é enorme e espaçosa e é preciso muito espaço para nela trabalhar; ela vasculha o céu e a terra; ela tem como objeto as coisas do passado e do porvir, as coisas transitórias e eternas. Ela examina todas as circunstâncias do tempo, o que é, quando começou e por quanto tempo continuará: e o mesmo para a mente; de onde surgiu; o que é; quando começa; quanto tempo dura; se ela transita ou não de uma forma a outra ou se serve somente a uma, e vagueia ao nos deixar; se ela permanece num estado de separação e como age; como ela usa sua liberdade; se ela retém ou não a memória das coisas passadas e toma conhecimento de si mesma.

Ser sábio é usar a sabedoria, assim como ver é usar os olhos, e falar bem é usar a eloquência. Aquele que é perfeitamente sábio é perfeitamente feliz; o próprio início da sabedoria torna a vida mais fácil para nós. Mas não basta saber disso, a não ser que gravemos isso em nossas mentes pela meditação diária, transformando uma boa disposição em um bom hábito.

E devemos pôr em prática o que pregamos: pois a filosofia não é assunto para ostentação popular, tampouco se baseia em palavras,

mas em coisas. Ela não é uma diversão para o deleite ou para atizar o nosso ócio; ela molda a mente, governa nossas ações, diz-nos o que temos ou não de fazer. Ela toma o leme e orienta-nos ao longo de todos os perigos: não, não podemos estar seguros sem ela, porque a todo instante temos motivos para usá-la. Informa-nos, em todos os deveres da vida, a termos compaixão por nossos pais, fé em nossos amigos, a sermos caridosos com os miseráveis, bom senso nos conselhos; ela nos dá a paz por não temer nada e riquezas por não cobiçar nada.

Não há nenhuma situação na vida que impeça um homem sábio de cumprir seu dever. Se ele tem sorte, ele a equilibra; se tem azar, ele o domina; se ele tem propriedades, exercitará sua virtude na abundância; se não as tem, na pobreza: se ele não for capaz de fazer isso em seu país, ele o fará no exílio; se ele não tiver comando, fará o trabalho de um simples soldado.

A sabedoria não ensina nossos dedos, mas nossas mentes: manusear e dançar, armas e fortalezas eram obras do luxo e da discórdia; mas a sabedoria ensina-nos o caminho da natureza e as artes da unidade e da concórdia, não nos instrumentos, mas no governo da vida; não só para que vivamos, mas para que vivamos felizes. Ela nos ensina quais coisas são boas e quais são más, e quais só aparentam ser; e a distinguir entre a verdadeira grandeza e o tumor. Ela limpa as nossas mentes da impureza e da vaidade; ela eleva nossos pensamentos aos céus e os carrega inferno abaixo: ela discorre sobre a natureza da alma, seus poderes e faculdades; os primeiros princípios das coisas; a ordem da Providência: ela nos exalta das coisas corpóreas para as coisas etéreas e resgata a verdade de tudo: ela vasculha a natureza, dá leis à vida; e nos diz que não basta conhecermos Deus, a não ser que lhe obedeçamos. Ela contempla todas as casualidades como atos da Providência: atribui um valor real às coisas; livra-nos de falsas opiniões e condena todos os prazeres vividos no arrependimento. Ela não permite que nada seja bom se não for para sempre: que nenhum homem seja feliz se ele precisar de outra felicidade que não a que tem dentro de si; que nenhum homem seja grande e poderoso se ele não tiver controle sobre si mesmo.

Essa é a felicidade da vida humana; uma felicidade que não pode ser corrompida nem extinta: ela questiona a natureza dos céus, a influência das estrelas; o quanto elas operam sobre nossos corpos e mentes: pensamentos esses que, embora elas não componham nosso comportamento, ainda assim nos elevam e dispõem-nos para coisas gloriosas.

Todos concordam que a razão correta é a perfeição da natureza humana, e a sabedoria, apenas o seu ditado. A grandeza que surge dela é sólida e imóvel, com as resoluções da sabedoria sendo livres, absolutas e constantes; enquanto a estupidez jamais se contenta com a mesma coisa, mas ainda muda de conselho e está farta de si mesma. Não pode haver felicidade sem constância e prudência.

Quem faz objeções e hesita ainda está incompleto: mas onde a virtude se interpõe sobre o principal, é preciso haver concórdia e consentimento entre as partes: porque todas as virtudes concordam entre si, assim como todos os pecados discordam entre si.

Um sábio, em qualquer condição que se encontre, ainda será feliz; pois ele sujeita tudo a si, porque se sujeita à razão, e governa suas ações por conselhos, e não pela paixão. Ele não se deixa abater pelas maiores violências do acaso nem pelos extremos do fogo e da espada; enquanto um tolo teme a própria sombra e surpreende-se com todos os infortúnios, como se todos o tivessem como alvo. Ele não faz nada contra sua vontade: pois tudo o que ele entende como necessário, é isso o que ele escolhe. Ele propõe a si mesmo o inegável escopo e finalidade da vida humana; ele segue aquilo que o conduz a isso, e evita o que o detém. Ele está contente com o que lhe cabe, seja lá o que for, sem desejar o que não possui; mas, das duas coisas, ele prefere a abundância à carência.

O grande empreendimento da sua vida, assim como o da natureza, é realizado sem tumulto ou barulho. Ele não teme o perigo nem o provoca; mas ele é cauteloso e não lhe falta coragem; pois o cativoiro, as feridas e as correntes são vistas por ele apenas como terrores falsos e linfáticos. Ele não finge fazer ir em frente com tudo o que empreende; ele fazer bem o que faz. As artes nada mais são do que as servas, quem comanda é a sabedoria; e onde a matéria falhe, não é culpa do trabalhador. Ele é cauteloso quando em dúvida, comedido na prosperidade e resoluto na adversidade; ainda

tirando o melhor de todas as situações e melhorando todos os cenários para torná-los úteis ao seu destino.

Há alguns acidentes que, confesso, talvez o afetem, mas não o derrubam, como dores físicas, a perda de filhos e amigos, a ruína e a desolação do país de um homem. Só alguém feito de pedra ou ferro não se sensibiliza diante dessas calamidades; e, além do mais, não é virtude suportá-las quando o corpo não as sente.

Há três graus de proficientes na escola da sabedoria. O primeiro inclui aqueles que se depararam com ela, mas não estão à sua altura; eles aprenderam o que devem fazer, mas não puseram seu conhecimento em prática: eles já não correm o risco de uma recaída, mas ainda têm os ressentimentos de uma doença, embora estejam fora do perigo dela. Por doença me refiro a uma insistência no mal ou num mau hábito, que nos deixa excessivamente ansiosos com relação a coisas pouco ou nada desejáveis. O segundo tipo inclui aqueles que subjugarão seus próprios apetites por um tempo, mas que ainda temem uma recaída. O terceiro tipo inclui aqueles que se livraram de muitos vícios, mas não de todos. Eles não são gananciosos, mas talvez sejam coléricos; não são lascivos, mas talvez sejam cobiçosos; eles são firmes o bastante em alguns casos, mas fracos em outros; muitos desprezam a morte, ainda que se encolham da dor.

Os homens sábios são diversos, mas não desiguais; um é mais afável; outro, mais disposto; um terceiro, melhor orador: mas a felicidade deles é igual. Assim é, como com os corpos celestiais: existe um certo estado na grandeza.

Em assuntos civis e domésticos, um sábio pode precisar do conselho, como o de um médico, de um advogado, de um mediador; mas em assuntos maiores, a bênção do sábio está na felicidade que ele extrai da comunicação das suas virtudes.

Mesmo que não houvesse mais nada nela, o homem se aplicaria com sabedoria, porque ela lhe dá uma sensação perpétua de tranquilidade.

II.

A FELICIDADE BASEADA NA VIRTUDE

A virtude é aquele bem perfeito, que é o complemento de uma vida feliz; a única coisa imortal que pertence à mortalidade; é o conhecimento de si e dos outros; é uma grandiosidade da mente invencível, que não deve ser elevada nem abatida pela sorte ou pelo azar. É sociável e gentil, livre, firme e destemida; contente consigo mesma; cheia de deleites inextinguíveis; é valorizada por si mesma.

Um indivíduo pode ser um bom médico, um bom gramático, e não ser um bom homem; de modo que todas as coisas externas são apenas acessórios: pois a sua sede é uma mente pura e casta. Ela consiste em ações coerentes que não se manifestam quando estamos distraídos por nossas paixões.

Um homem talvez possa mudar de natureza e semblante e experimentar tais efeitos como se fossem um tipo de força natural sobre o corpo, e não sob o domínio da mente: mas tudo isso enquanto eu tiver seu julgamento firme, e ele deve agir com solidez e ousadia, sem hesitar entre os movimentos do seu corpo e de sua mente.

Não é algo neutro, eu sei, se um homem se encontra em paz deitado em uma cama ou em tormento em um leme: ainda assim, o primeiro pode ser o pior dos dois, se o segundo sofre com honra e o primeiro goza da infâmia.

Não é a matéria, mas a virtude, o que torna a ação boa ou má; e aquele que é conduzido em triunfo pode ser ainda maior do que seu conquistador. Quando chegamos ao ponto de valorizar a nossa carne mais do que a nossa honestidade, nós nos perdemos; e, ainda assim, eu não enfatizaria os perigos, não, não tanto quanto sobre os inconvenientes, a não ser em casos em que o homem e o bruto compitam: nesse caso, em vez de perder meu mérito, minha razão ou minha fé, eu recorreria aos extremos.

São grandes bênçãos ter pais carinhosos, filhos obedientes e viver sob um governo ordeiro e justo. Ora, não seria problema mesmo para um homem virtuoso ver seus filhos mortos diante de seus olhos, seu pai transformado em escravo e seu país invadido por inimigos bárbaros? Há uma enorme diferença entre a simples perda de uma bênção e o sucesso de um grande malfeito repetidamente em seu lugar. A perda da saúde é seguida pela doença, e a perda da visão, pela cegueira: mas isso não se aplica à

perda de amigos e filhos, na qual há algo para suprir a perda; isto é, a virtude, que preenche a mente e livra-nos do desejo daquilo que não temos. De que importa se a água flui ou não, desde que a fonte esteja segura?

Um homem é sempre mais sábio por ter uma multidão de amigos, ou mais tolo pela perda deles? Portanto, ele não é o mais feliz nem o mais infeliz.

Vida curta, tristeza e dor são acessões que não têm qualquer efeito sobre a virtude.

Se alguém pudesse ver a mente de um homem bom, e como ela é ilustrada pela virtude; a beleza e grandiosidade dela, em cuja dignidade não se deve pensar sem amor e veneração; um homem não se benzeria diante de tal objeto, como se estivesse diante de um poder sobrenatural? Um poder tão milagroso que é uma espécie de encanto sobre as almas daqueles verdadeiramente por ele afetadas. Há uma graciosidade e autoridade tão maravilhosas nela que até o pior dos homens a aprova e decidem-se pela reputação de eles mesmos serem considerados virtuosos. Eles realmente cobiçam o fruto e o lucro da maldade, mas odeiam e têm vergonha de sua pestilência. É por uma impressão da Natureza que todos os homens reverenciam a virtude; eles sabem disso e respeitam isso, embora não o pratiquem: não, pela expressão da sua própria maldade, eles equivocadamente chamam isso de virtude própria. Seus ferimentos eles chamam de benefícios e esperam que um homem deva agradecê-los por terem feito mal a ele; eles escondem suas iniquidades mais infames sob um pretexto de justiça.

O salteador prefere encontrar seu butim a tirá-lo de outrem. Pergunte a qualquer um dos que vivem da rapina, da fraude, da opressão, se ele não preferia desfrutar de uma fortuna conquistada honestamente, e suas consciências não permitirão que neguem isso. Os homens são maus apenas pelas vantagens da vilania; ao mesmo tempo que a cometem, condenam-na.

Outrossim, tão poderosa é a virtude e tão graciosa é a Providência, que todo homem tem colocada dentro de si uma luz a guiá-lo; que todos vemos e reconhecemos, embora não a busquemos. Isso é o que torna o prisioneiro torturado mais feliz do que seu torturador, e a doença melhor do que a saúde, se a

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Sabedoria dos Estoicos"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).